

## DE OXUM A PRETINHA: A NOVA ESTÉTICA DA PERSONAGEM NEGRA NO CENÁRIO LITERÁRIO BRASILEIRO

### FROM OXUM TO PRETINHA: THE NEW AESTHETICS OF THE BLACK CHARACTER IN THE BRAZILIAN LITERARY SCENARIO

Carolina Marinho Marcilio  
CEFET/RJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
[jornalista.cmarinho@gmail.com](mailto:jornalista.cmarinho@gmail.com)

Roberta da Silva Calixto dos Santos,  
CEFET/RJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
[robertasc.santos@gmail.com](mailto:robertasc.santos@gmail.com)

Luciana de Mesquita Silva  
CEFET/RJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
[luciana.cefetrj@gmail.com](mailto:luciana.cefetrj@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo abordar dois contos presentes na coletânea de contos e crônicas *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira* (2017), publicada pela editora Malê. Os contos são “Das águas”, de Cristiane Sobral, e a “A Pretinha e o Pretinho”, de Taís Espírito Santo, os quais tratam de questões como a construção da identidade pela mulher negra. Para tanto, buscamos refletir sobre o campo da literatura brasileira, focalizando na vertente da literatura afro-brasileira ou negro-brasileira. Nesse sentido, discutimos como vozes de mulheres negras estão ecoando no contexto literário brasileiro, denunciando o predomínio da branquitude nesse cenário e construindo novas epistemologias. Como arcabouço teórico, utilizamos os pensamentos de Hall (2000), Duarte (2010), Cuti (2010), Dalcastagnè (2012), entre outros.

**Palavras-chave:** Literatura afro/negro-brasileira; Escritoras Negras; *Olhos de Azeviche*

**Abstract:** This article aims to approach two short stories of the anthology of short stories and chronicles *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira* (2017) [Jet-Black Eyes: Ten Black Female Writers Who Are Renewing Brazilian Literature] published by Malê publishing house. The short stories are “Das águas” [From the Waters], by Cristiane Sobral, and “A Pretinha e o Pretinho” [The Little Black Girl and The Little Black Boy], by Taís Espírito Santo, which deal with issues such as the construction of identity by Black women. Therefore, we seek to reflect upon the field of Brazilian literature, focusing on the field of Afro-Brazilian or Black Brazilian literature. In this sense, we discuss how Black women’s voices are echoing in the Brazilian literary context, denouncing the predominance of whiteness in this scenario and building new epistemologies. As a theoretical framework, we use the thoughts of Hall (2000), Duarte (2010), Cuti (2010), Dalcastagnè (2012), among others.

**Keywords:** Afro/Black Brazilian Literature; Black Female Writers; *Olhos de Azeviche*

## Introdução

A literatura canônica brasileira é marcada pela ausência de autores e personagens negros como foi constatado em “Um mapa de ausências”, pesquisa realizada por Regina Dalcastagnè (2012) que analisou o romance brasileiro contemporâneo (1990-2004). Nesse trabalho, foram avaliadas 258 obras publicadas no período mencionado por três editoras: Companhia das Letras, Rocco e Record, as quais foram escolhidas porque são de grande porte e por terem forte impacto no cenário literário brasileiro. A pesquisa investigou o perfil dos escritores e os resultados evidenciaram que a branquitude<sup>1</sup> se perpetua na produção literária brasileira: “Os números indicam, com clareza, o perfil do escritor brasileiro. Ele é homem, branco, aproximadamente ou já entrando na meia-idade, com diploma superior, morando no eixo Rio de Janeiro-São Paulo” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 162). Além disso, tais escritores têm acesso a espaços privilegiados de produção do discurso, já que muitos são também jornalistas, professores, tradutores, roteiristas, entre outros:

São brancos 93,9% dos autores e autoras estudadas (3,6% não tiveram a cor identificada e os “não brancos”, como categorias coletivas, como ficaram em meros 2,4%). Uma imensa maioria possui escolaridade superior (78,8% contra apenas 7,3% de não superior; os restantes não tiveram escolaridade identificada). (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 160)

O domínio de escritores brancos na literatura brasileira implica não só no silenciamento de autores negros no grande mercado editorial do país, mas também no apagamento desse grupo nas narrativas, como no caso de personagens e narradores negros nos romances analisados na referida pesquisa: “Os negros são 7,9% das personagens, mas apenas 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 175). Nesse sentido, os personagens negros são geralmente retratados na condição de objeto em romances brasileiros, conforme afirma Eduardo de Assis Duarte:

No arquivo da literatura brasileira construído pelos manuais canônicos, a presença do negro mostra-se rarefeita e opaca, com poucos personagens, versos, cenas ou histórias fixadas no repertório literário nacional e presentes na memória dos leitores. Sendo o Brasil uma nação multiétnica de maioria afrodescendente, tal fato não deixa de intrigar e suscitar hipóteses em busca de seus contornos e motivações. E já de início se configura de modo inequívoco um dado fundamental para esta reflexão: o fato de o negro estar presente muito mais como tema do que como voz autoral. (DUARTE, 2013, p. 146)

Em face desse cenário, têm sido produzidas narrativas que se contrapõem a uma visão estereotipada e reducionista sobre o negro. Sendo assim, este artigo objetiva discutir questões étnico-raciais e produção de literatura, trazendo à tona a escrita de autoras negras que vêm lutando para conquistar seu espaço no sistema literário e cultural brasileiro. Para tanto, faremos uma análise dos contos “Das águas”, de Cristiane Sobral, e a “A Pretinha e o Pretinho”, de Taís Espírito Santo, publicados na coletânea de contos e crônicas *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira* (2017), visando a abordar a construção de personagens negras femininas sob a ótica das escritoras em questão.

No âmbito da construção de narrativas contra-hegemônicas, produzidas a partir de perspectivas negras no Brasil, existem diferentes correntes de pensamento, tais como a literatura

---

<sup>1</sup> De acordo com Schucman (2012), “a branquitude é entendida aqui como uma construção sócio-histórica produzida pela ideia falaciosa de superioridade racial branca, e que resulta, nas sociedades estruturadas pelo racismo, em uma posição em que os sujeitos identificados como brancos adquirem privilégios simbólicos e materiais em relação aos não brancos.” (SCHUCMAN, 2012, p. 7)

afro-brasileira e a literatura negro-brasileira. Por mais que as duas correntes considerem o protagonismo negro na produção de obras literárias, elas divergem no âmbito ideológico. Para intelectuais como Eduardo de Assis Duarte, o termo literatura afro-brasileira é o ideal para denominar a literatura produzida por escritores negros no Brasil. Segundo ele, esse conceito estaria vinculado à origem étnica dos autores e à comunhão de valores associados à cultura africana: “O termo afro-brasileiro, por sua própria configuração semântica, remete ao tenso processo de hibridismo étnico e linguístico, religioso e cultural” (DUARTE, 2010, p. 110). Ainda segundo o autor, seria impossível utilizar o termo “negra” para designar o que chama de literatura afro-brasileira, já que, ao seu ver, “literatura negra são muitas, o que, no mínimo, enfraquece e limita a eficácia do conceito enquanto operador teórico e crítico” (2010, p. 138).

Na visão de Duarte, no campo da literatura afro-brasileira, uma obra deve apresentar as seguintes características, de forma conjunta: o protagonismo de afrodescendentes; temas afro-brasileiros; construção discursiva e linguística, marcando a afro-brasilidade; ponto de vista assumindo a afro-descendência; público-alvo formado por leitores afrodescendentes. Vale destacar que nenhum desses elementos considerados de forma isolada configura uma produção afro-brasileira na perspectiva de Duarte.

Em contrapartida a esse ponto de vista, para Cuti (2010), a literatura feita e protagonizada por negros deve ser chamada de literatura negro-brasileira. Isso porque, em sua opinião, a expressão literatura afro-brasileira remete a um retorno à África. Essa seria uma maneira de fazer da literatura produzida no Brasil apenas um “apêndice” da literatura africana. Diante desses argumentos, o autor comenta:

[...] atrelar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro. E não se assume como negra. (CUTI, 2010, p. 36)

Ainda sobre os dois termos, Cuti argumenta que a terminologia literatura afro-brasileira pode acarretar em problemas como a estereotipização do continente, na medida em que reúne todos os países da África em um mesmo rótulo, negligenciando a diversidade relativa a essas nações, já que o continente tem mais de 54 países e nem todos têm a população majoritariamente negra. O autor destaca o seguinte:

Essa negação das singularidades nacionais enfatiza ainda a dominação global, com roupagem de um novo tráfico, agora de livros. Africanos de hoje, em particular os literatos ciosos da busca de reconhecimento cultural de suas nacionalidades, incluindo aí os africanos brancos, tendem a rejeitar uma identidade continental para suas obras, preferindo a caracterização nacional baseada na nação territorial geográfica. (CUTI, 2010, p. 37)

Além de Cuti, Miriam Alves (2010) defende o uso da expressão literatura negro-brasileira para nomear as produções literárias feitas por negros no Brasil, ao considerar o contexto sociopolítico de posicionamento e autoafirmação dos valores do povo negro em âmbito nacional e mundial. No final da década de 1970, período em que se expandia o *Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial*, o referido termo teve seu uso defendido pela primeira edição dos *Cadernos Negros*, uma produção literária concebida pelo grupo *Quilombohoje* que desde 1978 têm publicado coletâneas de contos e poemas escritos por autores negros. Na próxima seção, será abordado como movimentos precursores de resistência na literatura produzida por negros e negras como os *Cadernos Negros* tiveram um papel de extrema importância no trabalho de escritoras negras na contemporaneidade.

## Epistemologias do sul e a nova cor no mercado editorial brasileiro: breves considerações sobre *Olhos de Azeviche*

Ao pensarmos no colonialismo, é importante destacar que esse sistema de dominação política e econômica de alguns países por outros operou na produção de conhecimento. Aníbal Quijano (2005) contribuiu para essas reflexões ao trazer o conceito de colonialidade como um mecanismo de subordinação dos países colonizados aos colonizadores europeus na esfera política, econômica, cultural e educacional. Na visão do autor:

[...] a colonialidade provou ser, nos últimos 500 anos, mais profunda e duradora que o colonialismo. Porém, sem dúvida, foi forjada dentro deste, e mais ainda, sem ele não teria podido ser imposta à intersubjetividade de modo tão enraizado e prolongado. (QUIJANO, 2005, p. 93)

Com a proposta de construir novos saberes e de denunciar a perpetuação da colonialidade na produção de conhecimento acadêmico e artístico, surge a noção de epistemologias do Sul, termo criado pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos que consiste em uma metáfora que representa o sofrimento, a exclusão e o silenciamento de povos e culturas pelo capitalismo e colonialismo no curso da história. Para o pensador, o Norte corresponde ao que é imperial, colonial e neo-colonial, enquanto que o Sul representa o colonizado, o silenciado e o oprimido. De acordo com Santos (2004), as epistemologias do Sul só poderão emergir ao enfrentarem o monoculturalismo do Norte, funcionando, desse modo, como uma espécie de contra-epistemologia, que nega a existência de uma epistemologia geral e se baseia no reconhecimento de uma pluralidade de conhecimentos: “Só podemos compreender os saberes produzidos no Sul na medida em que se contribui para a sua eliminação enquanto produto do império” (SANTOS, 2004, p. 18).

Diante dessa perspectiva, escritoras têm se mobilizado para demarcar uma escrita negra no cenário literário brasileiro, como podemos observar na produção do livro *Olhos de azeviche*. Publicado em 2017 pela editora Malê, a obra reúne contos e crônicas de dez escritoras negras com narrativas inéditas ou ainda pouco exploradas que estão renovando a literatura brasileira. Desse modo, publicações como essa questionam o imaginário social sobre quem faz literatura em nosso país, contribuem para o combate a estereótipos negativos sobre os negros e, conseqüentemente, inspiram os debates e estudos sobre a (in)visibilidade de autoras negras no mercado editorial.

Entre as escritoras cujos contos e crônicas estão presentes na coletânea em questão estão desde Geni Guimarães, que publicou seu primeiro livro – *O terceiro filho – em 1979*, até Taís Espírito Santo, que até então não tinha nenhuma publicação impressa, mas divulgava seus textos em blogs. As outras escritoras são: Ana Paula Lisboa, Cidinha da Silva, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Esmeralda Ribeiro, Fátima Trinchão, Lia Vieira e Miriam Alves e cada seção da obra contém uma pequena biografia e dois contos ou crônicas de cada autora, com diversas temáticas.

A publicação de *Olhos de azeviche* revela uma nova faceta do mercado editorial brasileiro. Sobre essa nova configuração literária, a historiadora Giovana Xavier, em entrevista ao site Geledés, advertiu: “Demorou, mas o mercado editorial descobriu que mulher preta vende. Ao mesmo tempo, isso ainda acontece dentro dos marcos do racismo estrutural, porque se cria um grupo de excepcionais, de autores brilhantes que você conta com os dedos de uma mão” (XAVIER, 2019a). Nesse sentido, ainda que tenham ocorrido mudanças no cenário de publicações literárias no Brasil, não devemos nos esquecer de que o racismo norteia a formação da sociedade brasileira. Na visão de Silvio Luiz de Almeida (2018, p. 38): “O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, o modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional”.

Como reconhecimento de que as práticas racistas estão o tempo todo atravessando as relações sociais brasileiras, o Estado brasileiro sancionou a lei 10639/2003, reivindicação histórica dos movimentos negros no Brasil, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”. A lei visa garantir o ensino sobre os saberes e conhecimentos produzidos por intelectuais negros/as, porém, no que tange à literatura afro-brasileira ou negro-brasileira, ainda há pessoas que negam a existência desse campo de estudo, como é possível verificar através de Duarte (2010):

No alvorecer do século XXI, a literatura afro-brasileira passa por um momento rico em realizações e descobertas, que propiciam a ampliação de seu corpus, na prosa e na poesia, paralelamente ao debate em prol de sua consolidação acadêmica enquanto campo específico de produção literária – distinto, porém em permanente diálogo com a literatura brasileira *tout court*. Enquanto muitos ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe, a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita: ela tanto é contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVIII; tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espraia pelas literaturas regionais. (p.113)

Esse tipo de tática configura, nesse caso, o que a filosofia chamou de epistemicídio. Sobre esse conceito, em suas reflexões sobre o tema, Sueli Carneiro (2005), recorrendo a Boaventura de Sousa Santos, diz que o epistemicídio é parte constituinte do dispositivo de racialidade/biopoder e que sua operacionalidade descende do empreendimento colonial promovido pela Europa nas Américas, porém seus avanços reflexivos dão conta de que é

[...] um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. [...] É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. (CARNEIRO, 2005, p. 97)

Tal estrutura sociorracial exclui as vozes negras do cenário canônico brasileiro, mas diante dessa dinâmica intelectual, literatos se mobilizam para criar espaço de resistência e coexistência, contribuindo para a construção de novas epistemologias do Sul. Para exemplificar essa questão, o pesquisador Mário Augusto Medeiros da Silva (2017) realizou um levantamento em 2009-2010 e 2017 de editoras e livrarias negras no Brasil. Entre elas estão as editoras: Mazza Edições, Selo Negro, Ogum's Toques Negros, Ciclo Contínuo Editorial, Editora Malê e Nandyala Livros. Já as livrarias encontradas foram Sobá Livraria e Café, Kitabu Livraria Negra, Livraria Contexto, Livraria Eboh e Livraria Griot. Entre outras iniciativas no mercado editorial que não foram mencionadas na referida pesquisa estão as livrarias Nombeko, Timbuktu e Nia Produções Literárias e editoras como a Pallas e a Tindelê. Soma-se a isso o selo editorial Sueli Carneiro, lançado em 2018 por Djamila Ribeiro, que tem por objetivo a publicação de produções literárias negras brasileiras e de traduções de produções estrangeiras, sobretudo feitas por mulheres, em especial negras, indígenas, LGBTQI+ latinas e caribenhas.

Os espaços de resistência ligados à literatura produzida por negros no Brasil se mostram cada vez mais fundamentais para a constituição de um cenário literário plural e também para a construção de identidades positivas no que tange a personagens negras, já que no curso da história da literatura canônica a imagem dessa mulher é marcada por estereótipos, tais como os presentes nos romances do século XIX: “escravas resignadas, escravas traidoras, mulatas sensuais e mestiças, virtuosas” (XAVIER, 2012, p. 71). Diante desse contexto de

subalternização, a literatura produzida por autoras negras é uma possibilidade de reverter esse histórico de estereótipos, conforme destaca Conceição Evaristo: “Para nós mulheres negras, escrever e publicar é um ato político” (EVARISTO, 2017). Já que essa vertente da literatura brasileira surge de um corpo preto permeado de interdições pelas quais ele passa, as escritoras imprimem nas narrativas as experiências de sujeitos que vivenciam o mundo a partir da história que carregam a partir da cor de sua pele. Tal perspectiva culminou no que Evaristo definiu como escrevivência. Segundo ela, “a minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2017).

Além do aumento das publicações de escritoras negras no mercado contra-hegemônico, é possível notar uma sensível mudança no circuito literário nacional e internacional. Para ilustrar essa ideia, as recentes edições da *Festa Literária Internacional de Paraty* (Flip) vinham demonstrando uma ampliação na visibilidade de autores negros. Em 2017, por exemplo, o evento teve como homenageado o escritor negro Lima Barreto e na lista dos livros mais vendidos ficaram: *A mulher dos pés descalços e Nossa Senhora do Nilo*, da escritora de Ruanda Scholastique Mukasonga, ambos publicados pela editora Nós; *Esse cabelo* (editora LeYa), da brasileira Djaimila Pereira de Almeida; *Para educar crianças feministas* (editora Companhia das Letras), da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e *Insubmissas lágrimas de mulheres* (editora Malê), da brasileira Conceição Evaristo.

Nesse caso, vale destacar que a homenagem a Lima Barreto na Flip de 2017 ocorreu em consequência de uma intensa mobilização de intelectuais negros, devido à ausência de escritoras negras na Flip de 2016. Na ocasião, a poetisa Ana Cristina Cesar foi homenageada e, na Tenda dos Autores, entre os 39 convidados, 17 eram mulheres e não havia nenhuma escritora negra. Diante desse contexto de exclusão, Giovana Xavier, junto com o grupo de estudos e pesquisas Intelectuais negros-UFRJ, coordenado por ela, mobilizaram a campanha “Vista nossa palavra, Flip 2016”, que integrou uma série de ações organizadas para discutir a falta de visibilidade de autoras negras no cenário literário brasileiro. Entre as ações do grupo foram promovidos eventos como uma feira literária que aconteceu no bairro de Oswaldo Cruz, no subúrbio do Rio de Janeiro, funcionando como um contraponto à programação embranquecida da Festa Literária. Além disso, foi redigida uma carta à Flip em resposta à falta de representatividade de escritoras negras na edição de 2016:

Este silenciamento do nosso existir em uma feira que se reivindica cosmopolita, mas está mais para Arraiá da Branquidade, insere-se no passado-presente de escravidão, no qual a Mulher Negra é representada, vista e tratada como um corpo a ser dissecado. Um pedaço de carne que está no mundo para servir. Um objeto a ser estudado e narrado pelo outro branco (XAVIER, 2016).

Após essa mobilização ocorrida em 2016 e a Flip de 2017 foi possível perceber uma certa modificação na estrutura do evento em 2018. Como exemplos disso podem ser destacadas a mesa redonda “Vozes que não se podem calar”, que homenageou Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Marielle Franco, tendo sido composta pela escritora Conceição Evaristo, a socióloga Janaína Damasceno e o jornalista Tom Farias, bem como a venda de obras de escritoras negras, as quais estiveram na lista dos dez livros mais vendidos: *Canção de ninar* (editora Tusquets/Planeta), da brasileira Leila Slimani; *O que é lugar de fala?* (editora Letramento) e *Quem tem medo do feminismo negro?* (editora Companhia das Letras), ambos da brasileira Djaimila Ribeiro. Já na edição de 2019, a visibilidade das escritoras negras brasileiras e internacionais aumentou, pois, suas obras ficaram entre os livros mais vendidos da edição: *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano* (editora Cobogó), da portuguesa Grada Kilomba; *Fique comigo* (editora Harper Collins), da nigeriana Ayobami Adebayo e *Lugar de fala* (editora Pólen), da brasileira Djaimila Ribeiro. Com relação a essa conjuntura, Giovana Xavier, em entrevista ao site da Revista *Época*, destacou:

Houve mudanças indiscutíveis. Quando você entra na Livraria da Travessa, a maior da festa, vê que as duas primeiras estantes são dedicadas a autores negros. Isso é revolucionário num país forjado às custas do trabalho escravo negro. Nós conseguimos nos mover para além daquela coisa da ‘única’: ‘Ah, a única autora negra’, ‘Ah, a única exceção’. (XAVIER, 2019b).

Ainda assim, mesmo que as recentes edições da Flip tenham mostrado que os investimentos dos intelectuais negros para projetar a literatura afro-brasileira ou negro-brasileira no cenário literário nacional têm sido gradualmente reconhecidos pelo público, a organização desse evento parece não reconhecer a potência desses autores. Isso porque, após a grande repercussão da “Flip da diversidade” (2017), nos anos consecutivos a organização ainda insistiu em homenagear escritores brancos canonizados: Hilda Hilst em 2018 e Euclides da Cunha em 2019. Seguindo essa mesma linha, indicou para 2020 a escritora estadunidense Elizabeth Bishop, a primeira estrangeira que será homenageada nesse evento. A escolha gerou uma grande polêmica e mobilização, já que Bishop, em cartas trocadas com seu amigo – o poeta Robert Lowell (1917-1977) – publicadas em livro após sua morte, se manifestou favorável à ditadura brasileira em 1964, denominando esse momento político como uma “revolução rápida e bonita”. Diante da escolha de uma “entusiasta” da ditadura, o grupo Mulherio das Letras, criado em 2017 para reunir escritoras, editoras e demais mulheres interessadas em literatura e mercado editorial, manifestou-se em uma carta publicada no blog Letras Taquarenses:

Em tempos de acintosa ameaça de retorno do Ato Institucional nº 5 (AI-5) – editado em 1968 por Costa e Silva, retirando direitos políticos e suspendendo garantias constitucionais, o que levou a torturas, execuções e prisões arbitrárias de brasileiros críticos ao governo militar e/ou forçou-lhes o exílio – é de se lastimar que uma escritora defensora do Golpe de 1964 seja homenageada em um evento literário, no caso a Flip. A defesa ao golpe como necessário para deter o avanço das ideias progressistas está disseminada no conteúdo das cartas da autora ao amigo poeta Robert Lowell, em que relata sua vida no Brasil. Eis alguns trechos:

‘Todos os comunistas, estudantes, janguistas, nacionalistas etc. se esgoelam sobre ‘reforma agrária’ – como se qualquer um com juízo fosse contra a reforma agrária no Brasil. Mas o que eles realmente querem são mudanças aterrorizantes na Constituição que dariam a Goulart poderes ditatoriais’.

‘Bem, foi uma revolução rápida e bonita, debaixo de chuva – tudo terminado em menos de 48 horas.’ (MULHERIO DAS LETRAS, 2019)

Diante deste contexto de retrocesso, a publicação de *Olhos de azeviche* também pode ser considerada um marco na mudança de um paradigma editorial que historicamente vêm privilegiando vozes hegemonicamente brancas e masculinas. Tal mudança se refere não apenas à autoria de mulheres negras, mas também a uma perspectiva de construção de personagens que desafia determinados estigmas relativos aos negros. É o que veremos a seguir, a partir de um olhar sobre dois contos presentes no referido livro.

## **Identidades positivas: a mulher negra nos contos “Das Águas” e “A Pretinha e o Pretinho”**

Para os estudos culturais, na pós-modernidade a identidade é construída discursivamente: “Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos)” (HALL, 2000, p. 63) e, por isso, não pode ser concebida como um processo acabado e marcado por essencialismo:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’. (HALL, 2000, p. 38)

Considerando essa perspectiva, as identidades estão em constantes transformações e ressignificações e isso pode ser observado na condição em que personagens negras têm sido construídas no percurso histórico da literatura canônica:

Por muito tempo, quando refletia sobre mulheres negras e espaço literário, o que emergia eram puros objetos de análise, presentes nos romances nacionais, tais como Esméria e Lucinda (Vítimas-algozes), Bertoleza e Rita Baiana (O Cortiço), Tia Anastácia nas obras de Monteiro Lobato, as várias mulheres de Jorge Amado, entre outras. Os corpos destas mulheres não eram seus, serviram aos outros, todas tratadas como objetos, nenhum sujeito, nenhum afeto, nenhuma maternidade, nenhuma família, espelhando a pouca diversidade no cânone literário brasileiro e sua ideologia mofada, de um conjunto de autores brancos, heterossexuais, católicos e que tinham a região sudeste, como ponto de partida, e muitas das vezes como destino de seus imaginários. (FELISBERTO, 2018)

A fim de (re)construir e (re)escrever a imagem da mulher negra no cenário literário brasileiro, autoras negras vêm se articulando para narrar suas próprias histórias a partir de suas perspectivas, deixando de ser um “corpo objeto” e assumindo a condição de “corpo sujeito”, tal como ocorre na coletânea *Olhos de azeviche*, a partir da qual serão analisadas duas narrativas: “Das águas”, de Cristiane Sobral, e “A Pretinha e o Pretinho”, de Taís Espírito Santo. Esses contos foram escolhidos porque trabalham com a valorização da identidade da mulher negra.

Cristiane Sobral, atriz, escritora, dramaturga, poetisa, mestre em Artes pela Universidade de Brasília (UNB) escreveu o conto “Das águas” mesclando prosa e poesia, já que o final, dedicado à orixá Oxum, que representa a sabedoria e o poder feminino, contém três estrofes e dez versos. O texto trata dos desafios da personagem Omi ao ser a única negra na universidade em que estuda medicina, da discriminação sexual e racial sofrida por ela, bem como das injúrias de que é vítima constantemente. Mesmo assim, a personagem não se intimida perante o sofrimento e continua sua árdua trajetória acadêmica, já que “fracassar não fracassaria. Sentia que a força dos seus estava a inspirar os seus passos” (SOBRAL, 2017, p. 50). Tal apoio que recebe de seus ancestrais pode ser observado no trecho em que Omi, em seu caminho para a universidade, resolve parar para tomar banho em um rio e se sente (re)conectada com sua história: “Ao sair das águas, sentiu-se única, completa. Oxum seguia à sua frente, a abrir caminhos. Não viveria à sombra de qualquer solidão. Fortalecida, Omi estava pronta a ocupar o espaço, o seu lugar na terra” (SOBRAL, 2017, p. 51). Para o candomblé, os rios e cachoeiras são a morada dessa orixá: “Generosa e digna, Oxum (òsum) é a rainha de todos os rios. Vaidosa, é a mais importante entre as mulheres da cidade, a Ialodê (Ìyálòòde). É a dona da fecundidade das mulheres, dona do grande poder feminino” (EYIN; EUGÊNIO, 2008, p. 145).

A personagem Omi, então, passa a enxergar a história dos seus ancestrais através do espelho de Oxum que vem junto ao leque (*abebe*) da orixá, simbolizando a vaidade, mas também servindo como um instrumento de guerra, uma vez que ao se colocá-lo contra o sol, ele ofusca a imagem de seus inimigos. O espelho representa a característica mais notável dessa orixá: “Oxum é a deusa mais bela e mais sensual do candomblé. É a própria vaidade, dengosa e formosa, pacienciosa e bondosa, mãe que amamenta e ama” (EYIN; EUGÊNIO, 2008, p. 149). Nesse sentido, o alcance dessa divindade também está associado à ideia de fertilidade. A referência dessa orixá funciona no conto como uma espécie de exaltação aos antepassados da personagem e uma possibilidade de reescrever a estética da mulher negra na história da

literatura, como foi descrito no conto: “Com Oxum, pôde enfim, recuperar sua beleza roubada, encontrar-se no seu íntimo. Nunca mais deixaria de admirar a própria beleza em seus espelhos negros” (SOBRAL, 2017, p. 52).

Ainda em *Olhos de azeviche* é possível verificar a presença de outro conto que enaltece a estética da mulher negra: “A Pretinha e o Pretinho”, escrito por Taís Espírito Santo, atriz e produtora cultural. Essa narrativa aborda o conflituoso universo da personagem Pretinha ao assumir sua identidade étnico-racial. Ao ter que enfrentar o racismo vigente na sociedade brasileira, Pretinha demonstra ter orgulho de sua etnicidade:

Desde quando era pequenininha seu pai dizia: Pretinha, pretinha. Temos que nos valorizar, muita gente não vai gostar de você por causa de sua pele, seu cabelo, seus traços. Mas você é linda. E pretinha sempre falava: ‘Papai, eu sou linda mesmo, hoje na escola elogiaram meu cabelo, falaram que eu fico linda com tranças!’ (SANTO, 2017, p. 147)

O conto em análise trata da valorização dos relacionamentos afrocentrados, já que o pai de Pretinha a incentiva a manter relacionamentos com homens negros, a fim de perpetuar a sua história. No entanto, muitas vezes, ela é criticada por isso: “Aí você está louca? Casar com um homem preto, e o cabelo do seu filho? Ela vai ter sempre esse cabelo ruim? Ai, clareia essa família, só preto também não é legal” (SANTO, 2017, p. 145).

O pai não dá o mesmo conselho ao filho Pretinho. Em vez disso, incentiva o filho a ser jogador de futebol ou um homem bem-sucedido. Nesse caso, na visão de seu pai, ele deveria se casar com uma mulher loira ou branca, porque, segundo ele, elas são melhores e, além disso, as pretas fazem confusão e são macumbeiras. Esse trecho do conto funciona como uma espécie de crítica aos homens negros no Brasil, que geralmente preferem investir em um relacionamento inter-racial ao ascenderem socialmente e economicamente em vez de escolherem uma mulher negra como parceiras. Tal fato pode ser entendido como um processo assimilacionista, marcado por ideias de embranquecimento da sociedade brasileira, ainda presentes em nosso imaginário social:

O processo de construção dessa identidade brasileira, na cabeça da elite pensante e política, deveria obedecer a uma ideologia hegemônica baseada no ideal do branqueamento. Ideal esse perseguido individualmente pelos negros e seus descendentes mestiços para escapar aos efeitos da discriminação racial. O que teve como consequência a falta de unidade, de solidariedade e de tomada de uma consciência coletiva. (MUNANGA, 2008, p. 101)

Sendo assim, por um lado, Pretinha, mesmo desejando se relacionar com um homem negro, não consegue lograr êxito em sua procura. Por outro lado, Pretinho despreza qualquer tipo de vínculo amoroso com mulheres negras.

Em ambos os contos, as personagens Omi e Pretinha passam pelo enfrentamento do racismo cotidiano em suas vidas, mas há uma representação criada positivamente das personagens, modificando, assim, o imaginário social sobre as personagens negras no cenário literário brasileiro. É possível, desse modo, classificar esses contos como produções da literatura afro/negro-brasileira, pois ambas as obras são de autoria negra, tratando de temas como estética negra, racismo, solidão da mulher negra e ancestralidade sob o prisma de vivências de mulheres negras, além de apresentarem uma linguagem simples que contém elementos da cultura negra. Tais fatores contribuem para a formação de um público leitor negro que se identifica com essas narrativas.

## Considerações finais

Neste artigo, tivemos como objetivo analisar dois contos escritos por duas autoras negras: “Das águas”, de Cristiane Sobral, e a “A Pretinha e o Pretinho”, de Tais Espírito Santo, publicados na coletânea de contos e crônicas *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira* (2017), a fim de verificar como foi construída a identidade étnico-racial das personagens Omi e Pretinha. Nas referidas narrativas, foi abordado, entre outros pontos, como o racismo ainda afeta as mulheres negras no Brasil e como a valorização da identidade negra é um processo de constante resistência a múltiplos mecanismos de opressão.

Ao longo deste artigo, também foi feita uma reflexão sobre como a branquitude ainda predomina na esfera literária brasileira e como os movimentos escritores negros, em uma perspectiva contra-hegemônica, tem resistido a esse cenário, conforme o que demonstrou, por exemplo, a campanha “Vista Nossa Palavra, Flip 2016”. Ao culminar na Flip 2017, edição na qual o escritor negro Lima Barreto foi homenageado, tal campanha funcionou como um “estopim” para que a literatura produzida por mulheres negras fosse deslocada de um espaço de silenciamento e passasse a ser visibilizada no cenário editorial brasileiro, ainda marcado pelo racismo estrutural.

A escrita das mulheres negras projeta narrativas historicamente apagadas e suprimidas do contexto literário do país. Nesse sentido, a literatura afro/negro-brasileira é uma possibilidade de (re)escrever a condição das personagens negras na literatura brasileira, já que as personagens são construídas sem a intenção de esconder uma identidade negra. Em contrapartida, muitas vezes, são apresentadas a partir de uma valorização da cor da pele, dos traços físicos e das heranças culturais oriundas de povos africanos. Assim, o ponto de vista impresso na literatura produzida por escritoras negras é uma possibilidade de desestabilizar a lógica da colonialidade tanto na esfera das narrativas, quanto na do grande mercado editorial brasileiro.

Os números revelam que a literatura afro/negro-brasileira é, cada vez mais, necessária na sociedade brasileira, isso porque a população que se autodeclara negra aumenta expressivamente no Brasil e carece de ser representada na literatura de nosso país. De acordo com Daniel Oliveira (2019), segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, o Brasil tinha 19,2 milhões de pessoas que se declararam pretas – 4,7 milhões a mais que em 2012, o que corresponde a uma alta de 32,2% no período. Diante disso, as produções das autoras negras exercem um papel de extrema relevância na construção de novas e positivas imagens sobre os/as sujeitos/as negros/as, além de contribuírem fortemente para um cenário literário diverso e plural no contexto brasileiro.

## Referências

Almeida, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Alves, Miriam. “A literatura negra feminina no Brasil”. *Revista da ABPN*, Uberlândia, v. 1, n. 3, 2010, p. 181-189.

Amaro, Vagner. (Org.). *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira*. São Paulo: Malê, 2017.

Carneiro, Sueli Aparecida. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

Cuti. “Negro ou afro não tanto faz”. In: Cuti. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010, p. 31-46.

Dalcastagnè, Regina. “Um mapa de ausências”. In: Dalcastagnè, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012, p. 147-196.

Duarte, Eduardo de Assis. “O negro na literatura brasileira”. *Navegações*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, 2013, p. 146-153.

Duarte, Eduardo de Assis. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 23, 2010, p. 113-138.

Evaristo, Conceição. “A minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”, 2 de julho de 2017. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 20 de julho de 2019.

Eyin, Pai Cido de Ogum; Eugênio, Rodinei Wilian. *A panela do segredo*. [s.l]: RX, 2008.

Felisberto, Fernanda. “Selfie: eu mulher negra escritora”, 2018. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/90-olhos-de-azeviche-fernanda-felisberto>>: Acesso em: 20 de julho de 2019.

Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000.

MULHERIO DAS LETRAS. “Carta em Protesto à Homenagem a Elizabeth Bishop pela Flip – Festa Literária Internacional de Paraty”. Disponível em: <<https://letrastaquarenses.blogspot.com/2019/11/carta-em-protesto-homenagem-elizabeth.html>>.

Munanga, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Oliveira, Daniel. “Em sete anos, aumenta em 32% a população que se declara preta no Brasil”, 25 de maio de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/22/em-sete-anos-aumenta-em-32percent-a-populacao-que-se-declara-preta-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 10 de julho de 2019.

Quijano, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: Lander, Eduardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 117-142.

Santos, Boaventura Souza Santos. *Do pós-moderno ao pós-colonial e para além de um e outro*. Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 16-18 de setembro de 2004.

Santo, Taís Espírito. “A Pretinha e o Pretinho”. In: AMARO, Vagner. (Org.). *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira*. São Paulo: Malê, 2017, p. 145-146.

Schucman, Lia Vainer. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. 160 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Silva, Mário Augusto Medeiros da. “Editoras e livrarias Negras: capítulos da luta antirracista no Brasil (anos 1970 a 2000)”, 2017. Disponível em <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt28-8/10867-editoras-e-livrarias-negras-capitulos-da-luta-antirracista-no-brasil-anos-1970-a-2000/file>>. Acesso em: 20 de julho de 2019.

Sobral, Cristiane. “Das águas”. In: Amaro, Vagner. (Org.). *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira*. São Paulo: Malê, 2017, p. 49-52.

Xavier, Giovana. “Entre personagens, tipologias e rótulos da diferença: a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no século XIX”. In: Xavier, Giovana; Farias, Juliana Barreto; Gomes, Flávio. (Orgs.). *História das mulheres negras no Brasil escravista e dos pós emancipação*. Rio de Janeiro: Pallas/Selo Negro, 2012, p. 67-83.

Xavier, Giovana. “Historiadora elogia maior presença de autores negros na Flip, apesar de público ainda ser ‘essencialmente branco’”, 17 julho de 2019a. Disponível em:<<https://www.geledes.org.br/giovana-xavier-mercado-editorial-descobriu-que-mulher-preta-vende/>>. Acesso em: 20 de julho 2019.

Xavier, Giovana. “Mercado editorial descobriu que mulher preta vende”, 14 de julho 2019b. Disponível em<<https://epoca.globo.com/giovana-xavier-mercado-editorial-descobriu-que-mulher-preta-vende-23807292>>. Acesso em: 20 de julho de 2019.

Xavier, Giovana. “Carta aberta à Festa Literária Internacional de Parati – Cadê as nossas escritoras negras na Flip 2016?”, 27 de junho 2016. Disponível em: <<https://conversadehistoriadoras.com/2016/06/27/carta-aberta-a-feira-literaria-internacional-de-parati-cade-as-nossas-escritoras-negras-na-flip-2016/>>. Acesso em: 29 de junho 2019.

Recebido em: 27 de agosto de 2019  
Aceito em: 04 de novembro de 2019  
Publicado em: Dezembro de 2019